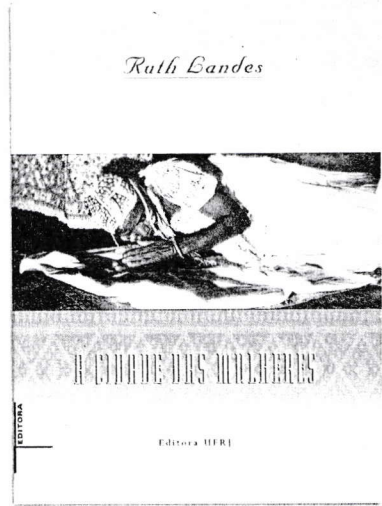


ARQ



Cidade das mulheres

Ruth Landes
UFRJ
352 págs.

A editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) lança a edição revisada do livro *Cidade das mulheres* (1ª edição americana, 1947; no Brasil, 1967), de Ruth Landes, com esclarecedor prefácio de Mariza Correia e introdução de Peter Fry, que nos auxiliam a entender os meandros da realização da pesquisa. Foram preservados, nesta nova versão, os três artigos contidos na primeira edição, respectivamente “Matriarcado cultural e homossexualidade masculina”, “O culto fetichista no Brasil” e “Escravidão negra e *status* feminino”.

É um livro para ser lido em constante diálogo com o período em que foi produzida a pesquisa, procurando contextualizá-la. Landes veio como parte de um “pacote” de parcerias entre centros de pesquisas brasileiros e estadunidense entre 1938 e 1939. A autora foi a única daquele grupo a não estudar

os índios, e sim os negros. A escolha de Landes deve-se, antes de tudo, a um conceito prévio, divulgado nos Estados Unidos: a ausência de conflitos raciais no Brasil.

A autora conheceu o pesquisador Édison Carneiro em Salvador, responsável por tornar abertas as portas dos candomblés tradicionais da Bahia para que ela – uma jovem branca estadunidense americana – pudesse entrar em contato com a comunidade negra, suas culturas e seu fazer cotidiano. Por intermédio de Landes, chegamos à Mãe Menininha do Gantois, ainda sem fama; vemos um Martiniano Bonfim insatisfeito com os rumos do candomblé; conhecemos a trajetória de Joãozinho da Goméia e a discriminação enfrentada por ser filho de prostituta e homossexual.

É um texto de fácil leitura, escrito como um diário de campo e que demonstra os arranjos sociopolíticos e culturais e as articulações empregadas pelos afrodescendentes. Além disso, é um dos livros primordiais para os estudos antropológicos no Brasil. Entre outros fatos, explicita pela primeira vez que, ao contrário do que ocorria na sociedade patriarcal brasileira, o candomblé nagô era dominado pelo poder das mulheres, e o candomblé de caboclo, pelos homossexuais. A autora relaciona a liderança masculina nos cultos à homossexualidade e à prostituição masculina. Há uma constante tensão entre os pais-de-santo e as mães-de-santo. Logo, Landes expõe uma contradição e uma tensão no interior daquele mundo até então estudado sob uma ótica fortemente influenciada por Nina Rodrigues, que, incensada pelas teorias racialistas do século XIX, via no candomblé a representação do atraso imposto pelo sangue africano.

Peter Fry, na introdução do livro, chama a atenção para três aspectos que marcam a primazia do trabalho de Landes e

RO n.19 (nov/dez/03)

que contribuíram para o acirramento das críticas a *Cidade das mulheres*: a discussão sobre “o status das mulheres na sociedade brasileira”; “o lugar da África na interpretação da cultura negra no Novo Mundo”; e “a relação entre homossexualidade masculina e religiosidade afro-brasileira”. Para Landes, a matrifocalidade não é uma característica específica do “mundo do candomblé”, mas algo que constitui o perfil das mulheres pobres. Assim, era muito mais a condição social em que se encontravam as mulheres do candomblé, e não necessariamente um aspecto religioso ou mesmo racial, que as fazia responsáveis por gerir a sociedade em que estavam inseridas, embora, segundo Landes, o poder das mulheres naquelas comunidades religiosas fosse efetivo há mais de um século e meio.

Desse modo, a matrifocalidade seria de cunho social, e não racial. Antes de Landes já havia uma arena de contenda na interpretação sobre os negros na Bahia, encarnada nos estudos de Frazier e Herskovits. Sua abordagem de gênero avança para além da participação das mulheres no culto e indaga a respeito do seu poder decisório. O feminino para Landes não está apenas nas mulheres, mas também em homens homossexuais. Isso dá ao seu trabalho maior amplitude, visto que as relações de gênero são postas para além das mulheres, ultrapassando o sexo. A homossexualidade feminina também é tangenciada por Landes.

Além da manutenção da tradição do candomblé, Landes estuda um momento em que ocorre uma resignificação das religiões afro-brasileiras na Bahia. Há a entrada de um expressivo número de pais-de-santo assumidamente homossexuais, que buscam nesse espaço o empoderamento muitas vezes negado na sociedade em geral. O candomblé, assim, ascende ao seu lugar de representação social, funcionando, ainda,

como uma agência de prestígio e mesmo de auxílio a outros subalternizados naquela sociedade, prostitutas e meninos e meninas em situação de abandono.

Iniciadas em décadas anteriores, as políticas de branqueamento foram sistematizadas por meio do incentivo à imigração europeia durante a ditadura varguista. Ilustrativa nesse sentido é a conversa da autora com uma importante autoridade do governo, que expressa sua repulsa à grande presença de sangue africano no Brasil, tão provocador do atraso do país a ponto de justificar uma ditadura para mudar os rumos. Percebe-se, nesse breve colóquio, a manutenção das teorias raciais europeias do século XIX ainda campeando na área governamental. Os negros são vistos como assustadores e perigosos a partir do olhar do Rio para a Bahia. Na Bahia, por sua vez, são interpretados pela elite intelectualizada como cordatos, mansos e possuidores de uma cultura exótica.

Desse modo, o livro, muito mais do que apresentar o candomblé da Bahia, pode ser utilizado para enriquecer o debate sobre a existência de um racismo demarcado no Brasil, embora as conclusões da autora procurem demonstrar a ausência de tensões raciais. É fácil entender essa premissa se levarmos em conta que, tendo vindo de uma experiência do segregado Sul dos Estados Unidos, assistir às festas religiosas com participação de brancos e negros levam-na a corroborar as teses de que o Brasil teria encontrado o caminho da paz entre as raças.

Cidade das mulheres é parte obrigatória da bibliografia de quem se propõe a estudar as relações raciais no Brasil e a constituição da Bahia como campo de estudo das religiões de matrizes africanas.

Joselina da Silva

Pesquisadora do Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Cândido Mendes